

# O U.S.O. Club chega ao Recife: aspectos da presença norte-americana no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial\*

*U.S.O. Club arrives in Recife: aspects of the American presence in Brazil during Second World War*

**Armando Augusto Siqueira**

Mestre em História pela UFPE e professor de História da rede estadual do Rio Grande do Norte.

## RESUMO

A partir de 1941, Recife torna-se sede de um complexo número de instalações militares e de apoio, sediando uma importante base naval da U.S. Navy, que foi instalada pelos norte-americanos devido à localização geográfica e estratégica da cidade para a defesa do Atlântico e também pela importância de seu porto. Nesse período, houve um fluxo intenso de militares que estavam em operações navais da Quarta Esquadra estadunidense no contexto da Batalha do Atlântico. Em seus dias de folga, estes militares tinham vários momentos de descontração. Este artigo trata do U.S.O. Club em Recife, principal espaço de lazer e descontração das tropas militares norte-americanas nas horas vagas, contribuindo com a historiografia da presença norte-americana no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recife; Segunda Guerra; U.S.O. Club

## ABSTRACT

*From 1941 Recife became the headquarters of a complex number of military and support facilities, hosting an important naval base of the US Navy that was installed by the Americans due to the city's geographical and strategic location for the defense of the Atlantic and also for the importance of its port. During this period, there was an intense flow of military personnel who were in naval operations of the Fourth American Squadron in the context of the Battle of the Atlantic. In their days off, these soldiers had several moments of relaxation. This article is about the U.S.O. club in Recife, the main leisure and relaxation space for US military troops during their free time.*

**KEYWORDS:** Recife; Second War; U.S.O. Club

## INTRODUÇÃO

Formulada e implementada pelo governo Franklin D. Roosevelt nos anos de 1933-1945, a *Política de Boa Vizinhança* foi fruto de uma revisão da Doutrina Monroe<sup>1</sup> em termos mais realistas, buscando-se estabelecer laços mais sólidos nas Américas. Depois de assumir a presidência e enfrentar um Congresso hostil, com os embates ideológicos entre os isolacionistas – que se opunham à criação de alianças e ao armamentismo – e os inter-

\*Artigo recebido em 2 de agosto de 2020 e aprovado para publicação em 16 de outubro de 2020.

Navigador: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 16, nº 32, p. 102-118 – 2020.

vencionistas – que apoiavam a expansão militar e a intervenção direta dos EUA a fim de proteger os interesses norte-americanos no exterior – o governo Roosevelt decide descartar a política externa que até então vigorava em relação à América Latina, fundamentada no emprego recorrente da intervenção militar para resolução de problemas políticos e diplomáticos com os países latino-americanos. O *Big Stick* de Theodore Roosevelt e a Diplomacia do Dólar de William Howard Taft foram os expoentes dessa tradição intervencionista.

No cerne da Política da Boa Vizinhaça estava o princípio de não intervenção e da não interferência nos assuntos internos dos países latino-americanos. Contudo, os objetivos do então presidente Franklin Roosevelt não eram altruístas, uma vez que “no âmbito dessa política, os Estados Unidos desenvolveram trocas mutuamente benéficas com os países da América Latina, na esperança de também criar novas oportunidades comerciais entre os americanos e seus vizinhos do sul” (LOCHERY, 2015, p. 18), efetivando a sua influência na região.

Diante da iminência de uma nova guerra mundial, o governo norte-americano entendeu que a aliança com os países ao sul de seu território seria de suma importância, podendo contar com a solidariedade dos seus vizinhos latino-americanos (OLIVEIRA, 2015, p. 40). Conforme Oliveira, forjar a chamada “solidariedade continental” foi o principal objetivo da diplomacia estadunidense materializada na Política de Boa Vizinhaça, planejada para dar conta de uma multiplicidade de ameaças à segurança nacional dos EUA no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Para alcançar seus objetivos, Roosevelt buscou através da Política da Boa Vizinhaça promover uma relação de cooperação entre os Estados Unidos e os vizinhos do Sul. O discurso dessa políti-

ca apontava para a necessidade de manter o continente americano unido na luta contra as ameaças externas. Essa boa vizinhaça representaria o convívio harmônico e respeitoso entre todos os países do continente. Significaria também uma política de intercâmbio generalizado de mercadorias, valores e bens culturais entre os Estados Unidos e os demais países da América (MOURA, 1980, p. 8).

Após uma fase de negociações que abriram caminho para atuação dos Estados Unidos na América Latina, mitigando as violentas intervenções armadas de outrora – principalmente na América Central – com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial e a iminente ameaça de ataque do Eixo sobre a América – mais especificamente ao Nordeste brasileiro – a Política da Boa Vizinhaça ganha novo fôlego e forma, ocorrendo uma mudança no curso das estratégias e a demanda por ações rápidas e efetivas para concretizar o plano de defesa do hemisfério ocidental.

### **A DEFESA CONTINENTAL E A INSTALAÇÃO DE BASES NORTE-AMERICANAS NO BRASIL**

Roosevelt vinculou a segurança dos Estados Unidos à de todo o continente americano, afirmando que “por consequência dos acontecimentos internacionais, a orientação deste país com relação ao continente... do Canadá à Terra do Fogo... teve de ser modificada” (MCCANN, 1995, p. 97). Todavia, o Presidente Roosevelt entendia que os Estados Unidos não deveriam ser os únicos responsáveis por este plano de defesa, afirmando que “a defesa do continente não repousa somente em nossos ombros” (CONN & FAIRCHILD, 2000, p. 26).

Para implementação do plano de defesa continental, fazia-se necessário a utilização de instalações militares e implantação

de bases norte-americanas nos diversos países da América, incluindo o Brasil, que dispunha de uma região litorânea que passou a ser de grande importância ao longo do conflito mundial: o Nordeste brasileiro, que diante da ocupação de tropas nazistas na África Ocidental e da falta de contingente significativo das Forças Armadas brasileiras na região, tornou-se uma porta aberta para invasão do Eixo na América, caso atravessassem o Atlântico. Em visita ao Brasil em 1939, chefes do alto comando das Forças Armadas estadunidenses afirmaram que o Brasil era peça-chave para a defesa continental, pois “Se Hitler ganhasse o controle da Europa, a África cairia com facilidade; era apenas uma questão de 2.000 quilômetros e oito horas, por ar, de Dacar, na África Ocidental Francesa (Senegal), até Natal, no Nordeste do Brasil” (MCCANN, 1995, p. 113).

Compreendendo a gravidade da situação, o Presidente Roosevelt enviou uma missão militar a fim de estudar a defesa do litoral brasileiro, chefiada pelo Coronel Lehman W. Miller (BANDEIRA, 1978, p. 276) que buscou junto ao governo Vargas colocar à disposição das Forças Armadas dos Estados Unidos os portos, enseadas, aeroportos e instalações aeronáuticas do Rio de Janeiro, Salvador, Maceió, Recife, Natal, Fortaleza, São Luís, Belém e Amapá. Entre 1939 a 1942, o planejamento militar norte-americano focava no saliente nordestino, com pretensões de guarnecer a região com tropas militares dos EUA. Nesse momento, o planejamento do Exército estadunidense buscava atingir objetivos particulares a curto prazo, visando ao estacionamento de suas forças no Nordeste ao invés da aquisição de bases fixas no Brasil (MCCANN, 1995, p. 114). Um dos primeiros estudos do Army War College, de 29 de março de 1939, previa o envio de tropas à região, mas também previa planos de evacuação imediata da região caso os resultados tivessem sido atingidos.

Em maio de 1939, desembarcou no Rio de Janeiro o recém-nomeado Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas dos EUA, George C. Marshall, no auge do impasse referente ao emprego das forças terrestres estadunidenses no Brasil. Após vários encontros, recepções, inspeções e festividades, Marshall participou de reuniões secretas com os Generais Dutra e Góes Monteiro, buscando construir a cooperação entre Brasil e EUA em caso de guerra e reafirmando o plano de construção de bases aéreas completas, com munição e depósitos de suprimentos no Nordeste (MCCANN, 1995, p. 116). Mas as tentativas de estabelecimento dessas bases não lograram êxito. A falta de colaboração das autoridades brasileiras, a incapacidade dos Estados Unidos em fornecer armas e material bélico de imediato para as Forças Armadas nacionais, a desconfiança dos generais brasileiros em relação às missões e exercícios militares de tropas norte-americanas em território brasileiro, o receio da oposição dos países latino-americanos diante da expansão dos EUA no hemisfério ocidental e o medo de minar as relações recentemente criadas através da Política da Boa Vizinhança foram os grandes obstáculos à execução do plano de defesa continental nesse momento.

Diante dos insucessos e da urgência de concretização do plano de defesa hemisférica, os Estados Unidos cogitaram invadir o Nordeste brasileiro, caso os comandantes militares do Estado Novo negassem a permissão para o estabelecimento de bases aéreas e navais na região. Em maio de 1941, o General Marshall sugeriu a participação de tropas americanas nas manobras e treinamentos propostos pelas Forças Armadas brasileiras na região Nordeste. A proposta do General Marshall disfarçava um plano de ocupação das bases militares da região, que foi abortado depois da desaprovação

do General Miller e do Embaixador Jefferson Caffery (BANDEIRA, 1978, p. 279). Após vários estudos e reconhecimento aéreo da região feito pelo General Delos Emmons, foram elaborados os planos Rainbow, conjunto de planos de guerra que serviriam como resposta e reação aos possíveis ataques do Eixo ao continente americano (CONN & FAIRCHILD, 2000, p. 31). Nesses planos, o Exército e a Marinha dos EUA eram incumbidos da defesa do hemisfério ocidental contra possíveis ataques vindos do velho mundo.

As conversações entre militares brasileiros e norte-americanos foram retomadas após o acordo firmado entre Brasil e EUA para a construção de uma usina siderúrgica no Rio de Janeiro, resultado de um compromisso de cooperação estadunidense com o programa de desenvolvimento brasileiro. Após negociações, o governo dos EUA assegurou crédito de vinte milhões de dólares para a instalação da Companhia Siderúrgica de Volta Redonda. Em meio à pressão e desconfiança das Forças Armadas para manter relações comerciais e criar acordos para fornecimento de material bélico com os alemães, Vargas afirmou que a ajuda americana seria um grande teste no contexto da Política de Boa Vizinhança (MCCANN, 1995, p. 160), demonstrando que a cooperação com os EUA poderia gerar frutos posteriores. Por outro lado, o Embaixador Caffery também entendia que a cooperação e as relações futuras entre Brasil e EUA dependiam do fornecimento imediato de armamentos para as Forças Armadas brasileiras, caso contrário, o Brasil poderia adquirir armas com alemães e tornar-se aliado do Eixo. Para resolver o impasse, a Divisão de Planejamento de operações do Exército e o Departamento de Estado elaboraram um plano definitivo para garantir o suprimento de armas ao Brasil, que fora aprovado pelo Presidente Roosevelt em agosto de 1940.

Contudo, para que as bases norte-americanas fossem finalmente instaladas em solo brasileiro foram necessários cerca de dois anos de negociações entre os governos brasileiro e estadunidense. Para firmar a colaboração militar, as propostas norte-americanas ainda esbarravam em recusas de autoridades governamentais e militares brasileiras. Diante da recusa do envio de tropas estadunidenses que viriam em missão com pretexto de treinar militares brasileiros no manejo de armas, o General Miller afirmou que “as autoridades do Exército Brasileiro pareciam sentir verdadeiro horror à presença de tropas americanas em território nacional e consideravam esta possibilidade uma violação de soberania do país” (BANDEIRA, 1978, p. 280).

Com o ataque à base de Pearl Harbor em dezembro de 1941, o Brasil não pôde manter sua posição de neutralidade diante do conflito mundial, havendo uma mudança geral na política externa brasileira no tocante às relações com o Eixo. Vargas declarou solidariedade aos Estados Unidos, aprovando medidas para conter a espionagem alemã e fechar estações de rádio clandestinas do Eixo que operavam no Brasil. No Acordo dos Estados-Maiores de 1940, o Brasil também se comprometeu que, em caso de um ataque vindo de um país do velho mundo aos Estados Unidos, o governo brasileiro permitiria que as tropas norte-americanas utilizassem suas bases aéreas e navais, autorizando o livre trânsito destes militares em seu território, mesmo que não estivesse em guerra (CONN & FAIRCHILD, 2000, p. 378). Em agradecimento à solidariedade de Vargas, Roosevelt pediu aquiescência para o envio de cerca de 50 mil militares para as bases nordestinas, alegando que “os Estados Unidos já não podiam usar a rota do pacífico e que assim se tornava imprescindível aos voos para a África a escala em Natal” (BANDEIRA, 1978, p. 282).

Mesmo antes do ataque a Pearl Harbor, em meados de 1940 o Brasil já cedia a sua posição de neutralidade, pois ao receber recursos financeiros e técnicos para a construção da usina de Volta Redonda e realizar vários acordos de cooperação econômica e fornecimento de matérias-primas aos EUA, o Estado Novo firmou um comprometimento cada vez maior com os Estados Unidos. Contudo, somente em 1942 o rompimento das relações diplomáticas com o Eixo foi formalizado. Entre 15 e 28 daquele ano, a Terceira Conferência de Ministros do Exterior foi realizada no Rio de Janeiro. Os EUA inibiram as iniciativas de levar o evento para outro local, de modo que tanto Cordell Hull como Sumner Welles “acreditavam que a psicologia criada com a manutenção do encontro no Rio seria favorável à causa aliada, e porque ali Oswaldo Aranha presidiria a Conferência” (MCCANN, 1995, p. 203). Dessa forma, a delegação norte-americana chefiada por Welles induziu todas as nações latino-americanas ao rompimento diplomático com o Eixo.

Após os avisos ameaçadores vindos de Berlim, enfatizando que uma ruptura de relações diplomáticas provocaria represálias, entre fevereiro e junho de 1942, submarinos alemães afundaram vários navios brasileiros ao longo do Atlântico. Conforme McCann, O “governo alemão acreditava que a cooperação do Brasil com os EUA e as atividades de sua Marinha e Força Aérea indicavam que o Brasil não era mais um país neutro, mas em estado de guerra” e que quando o Brasil “estivesse organizado e preparado, faria uma declaração formal contra o Reich” (MCCANN, 1995, p. 223).

Com o afundamento do navio *Cairu* em março de 1942, Vargas tomou algumas medidas para proteger a frota mercante brasileira e navegação costeira. Depois de suspender a navegação de embarca-

ções brasileiras com destino aos EUA, o presidente brasileiro encontrou-se com o Almirante Jonas H. Ingram, comandante da Quarta Frota desde 1943 e chefe da patrulha do Atlântico Sul durante a guerra. Nesse encontro, Vargas fez um acordo particular com Ingram, sem o conhecimento de outros oficiais brasileiros, solicitando a proteção dos navios brasileiros e a vigilância do litoral nordestino. Em contrapartida, Vargas abriu todos os portos, instalações de reparos navais e aeródromos à Marinha norte-americana, instruindo as forças aéreas e navais nacionais a operar conforme as ordens do Almirante Ingram. Assim, a primeira abertura brasileira para uma colaboração militar se deu com a Marinha estadunidense (CONN & FAIRCHILD, 2000, p. 155).

Ao liberar os portos para os navios de guerra norte-americanos, o Brasil abriu um precedente para a entrada de tropas do Exército estadunidense, abandonando definitivamente sua posição de neutralidade e envolvendo-se no conflito ao lado dos Aliados. O torpedeamento dos navios brasileiros significou a represália dos alemães à cooperação entre Brasil e EUA, alterando não somente as relações exteriores, mas também a política interna brasileira, de modo que a indignação aumentou o clamor popular pela declaração de guerra à Alemanha. Assim, a luta pela participação do Brasil na guerra, na qual efetivamente já se engajara, voltava-se, na verdade, contra as correntes fascistas do próprio governo Vargas. “A declaração de beligerância, em 21 de agosto de 1942, apenas formalizou uma situação de fato, evitando que o regime caminhasse para a derrocada, com a nação em dissidência” (BANDEIRA, 1978, p. 287).

Mesmo antes da declaração de guerra, já havia presença de militares norte-americanos no norte e Nordeste brasileiro. Em fins de fevereiro de 1942, os Estados Uni-

dos solicitaram licença ao governo brasileiro para o aumento do número de suas tropas, enviando 300 homens para Belém, 300 para Natal, 150 para Recife e 150 para Ilha de Fernando de Noronha. Além do contingente da Quarta Frota que atuava na vigilância do litoral nordestino sob o comando do Almirante Ingram (MCCANN, 1995, p. 220), os EUA enviaram militares para atuarem na administração, comunicações, manutenção, fornecimento, cantina e meteorologia, auxiliando nos aeródromos após o aumento de voos com escala na região Nordeste com destino às operações na África (BANDEIRA, 1978, p. 284).

Para a resolução do impasse em torno do fornecimento de armamentos às Forças Armadas brasileiras, no decorrer do ano de 1942, os Departamentos de Guerra e de Estado dos EUA comprometeram-se a entregar ao Brasil mais de 20 carros de combate leves, quatro canhões antiaéreos de 75 mm, 100 carros de combate médios, duzentos carros de combate leves, cinquenta aviões de combate e uma grande quantidade de canhões antiaéreos e anticarros (CONN & FAIRCHILD, 2000, p. 381). Em março deste ano, Vargas aprovou um programa de defesa em conjunto com os EUA de grande alcance para o Nordeste, que incluía a vinda de mais de oitocentos homens do Exército dos EUA, novas construções de bases e instalações militares e fim da restrição de voos para aeronaves estadunidenses. Posteriormente, Brasil e Estados Unidos assinaram um acordo, criando duas comissões mistas de defesa continental, uma localizada no Rio de Janeiro e outra em Washington. Esta última ficou responsável pela elaboração conjunta de um plano de defesa para o Nordeste brasileiro.

Logo em seguida à declaração de guerra ao Eixo feita pelo Brasil, o Brigadeiro Eduardo Gomes e o General Walsh reuniram-se para organizar a transferência do quartel-general do Exército norte-americano

no da Guiana Inglesa para o Brasil. Após o deslocamento do Estado-Maior e do serviço de suprimento para Recife, o Exército norte-americano instalou o quartel-general do teatro de operações do Nordeste, que passou a ser chamado de Forças do Exército dos Estados Unidos no Atlântico Sul. Recife era o local mais adequado para esse quartel-general, pois, muito embora as operações aéreas do Exército norte-americano estivessem concentradas em Natal, a instalação desse quartel se deu na capital pernambucana porque lá já estavam os quartéis-generais dos comandos brasileiros na área, da Marinha e de outras organizações com quem o comando do Exército estadunidense tinha que se relacionar. Ademais, o Recife tinha ótimas instalações portuárias e era, portanto, “o melhor lugar para uma base de suprimentos do teatro de operações. Fornecer suprimentos e demais serviços para a manutenção do espaço aéreo passou a ser a função do chefe que dirigia o novo teatro” (CONN & FAIRCHILD, 2000, p. 392).

Além do Exército estadunidense, a Marinha norte-americana também expandiu suas instalações no Recife em 1943. Mesmo com a permanência de navios da Quarta Esquadra ancorados por curto período de tempo no porto do Recife, nesse período, houve aumento significativo das Forças Navais dos EUA em terra, havendo acréscimo de contingente do Estado-Maior, administrativo, ligação e combativo, além das instalações de apoio. Nesse sentido, a capital pernambucana tornou-se o centro da inteligência e do comando administrativo e operacional das forças norte-americanas.

Os escritórios dos observadores navais, os estabelecimentos e instalações sediados no Recife foram organizados numa base naval – a *Base Fox* – que tinha como objetivo desempenhar todas as funções correspondentes às de bases ter-

restres auxiliares para cumprimento das missões da Quarta Esquadra (FONSECA, 2014, p. 143). Também foi criado o quartel-general do comando da Força do Atlântico Sul, sediado na Avenida 10 de novembro, no Bairro de Santo Antônio. No final de 1942, o Almirante Ingram, seu Estado-Maior e o escritório do Observador Naval passaram a ocupar este espaço.

De 1941 até o início de 1944, o Recife tornou-se um importante baluarte dos Aliados no Atlântico Sul Ocidental (FONSECA, 2014, p. 14). Podemos afirmar que a escolha da capital pernambucana como sede para uma base naval da U.S. Navy ocorreu devido à situação da cidade no contexto socioeconômico da época. No início dos anos 40, o Recife era a terceira maior cidade do Brasil, com uma população de 348.000 habitantes, dispondo de um parque industrial considerável a nível nacional. Além de boas instalações hoteleiras, cinemas, teatros, e restaurantes, o Recife tinha um dos portos mais importantes do Brasil. Com uma barreira natural de recifes que servia como um excelente quebra-mar, o porto do Recife era ponto de parada obrigatório dos navios que circulavam pelo Atlântico Sul. A posição geográfica privilegiada e estratégica no Saliente Nordestino, ponto vital na defesa hemisférica ocidental, constituiu-se como fator preponderante para a escolha da capital pernambucana para o desenvolvimento de instalações militares em terra que fossem adequadas à guerra moderna.

Conforme Fonseca, com as instalações da U.S. Navy, o aumento da presença de militares norte-americanos no Recife foi significativo, sobretudo com a criação da Quarta Esquadra e a consequente ampliação desta força através da vinda de várias belonaves, aeronaves, dirigíveis, e pessoal em terra. Assim, “a base naval norte-americana no Recife teve que disponibilizar locais e instalações para alojamento, descanso, recreação, divertimento e ativida-

des culturais para esses homens que por lá passassem” (FONSECA, 2014, p. 146). O pessoal norte-americano que servia no Recife permanecia embarcado em navios, hospedado em hotéis ou em barracas na base aérea do Campo do Ibura. O aumento do pessoal presenciado em 1943 fez com que houvesse a aceleração para instalação de áreas específicas para alojamento e recreação das tropas em terra.

O trânsito e a movimentação de tropas estadunidenses também passaram a ser constantes. Muitas vezes, enquanto aguardavam o deslocamento e a condução para as missões, estes militares precisavam tanto de apoio como de diversão, de ambientes e atividades que lhes proporcionassem descontração em seus momentos de folga; ou seja, necessitavam de lazer, que pode ser definido como um conjunto de ocupações nas quais o indivíduo se entrega de livre e espontânea vontade, com objetivo de repousar, divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora depois de livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976, p. 94).

Antes da vinda do U.S.O. Club para o Recife, o órgão responsável pelo entretenimento das tropas navais da U.S. Navy foi o Escritório de Bem-Estar e Recreação da Quarta Esquadra (FONSECA, 2014, p. 150), comandado pelo Capitão de Corveta C. A. Paul. Este órgão manteve contato com representantes da Cruz Vermelha estadunidense e com o Comitê de Emergência de Guerra dos Estados Unidos da América no Brasil, garantindo recursos para construções de instalações esportivas e de lazer, bibliotecas, quadras esportivas e salas de cinema.

Obviamente, a falta de espaços que proporcionassem lazer e entretenimento não era somente um problema das tropas

acantonadas no Recife, mas em todos os lugares onde havia militares envolvidos em operações durante a Segunda Guerra. Por esse motivo, surgiu nos Estados Unidos a ideia de criar uma organização para dar apoio, proporcionar diversão, entretenimento e conforto às tropas, provendo comodidades aos militares em trânsito (BARROS, 2010 p. 9).

Assim, foi criado o United Services Organization (U.S.O.), entidade que em princípio era dotada de recursos doados por entidades privadas, passando a receber quantidade significativa de verbas públicas, garantindo serviços e entretenimento para as tropas norte-americanas. O Brasil logo se tornou sede do U.S.O., recebendo vários artistas norte-americanos do cinema, do rádio, dos palcos da Broadway e da música clássica. Posteriormente, tais artistas também se apresentaram para as tropas brasileiras. Com o tempo, os organizadores do U.S.O. também contrataram artistas brasileiros para atuarem nos shows promovidos para militares brasileiros e estadunidenses. Nesse contexto, o Recife também foi contemplado, tornando-se uma importante sede do U.S.O. Club durante a permanência de tropas militares na Segunda Guerra Mundial.

### **O U.S.O. CHEGA AO RECIFE**

Antes da chegada dos U.S.O. Clubs no Brasil em 1942, o entretenimento das tropas norte-americanas sediadas no Nordeste ficou a cargo de artistas e instituições brasileiras, onde o primeiro espetáculo dado para estas tropas do qual temos notícia foi o da cantora Eladir Porto, artista que fazia parte do *cast* da Rádio Nacional e fez excursão ao Nordeste em setembro de 1941, apresentando-se na Rádio Clube de Pernambuco (BARROS, 2010, p. 127). A falta de produção, instalações e espaços mais amplos para que os militares assistissem a esses shows confortavelmente,

despertou o olhar de Assis Chateaubriand e dos membros dos Diários Associados, que viram estes espetáculos como uma boa oportunidade a ser explorada.

Assim, foram criados os Shows da Vitória, excursões artísticas organizadas pelo grupo Diários Associados do Rio de Janeiro e São Paulo que tinham como destino o Norte e Nordeste brasileiros (BARROS, 2010, p. 128). Em Recife, o primeiro desses shows ocorreu em 2 de julho de 1943, no Teatro de Santa Isabel. Os artistas que participaram do evento foram: Ari Barroso, as cantoras Linda Batista, Marilu, Stela Gil, Ivonete Miranda e Cristina Maristany; também se apresentaram Dorival Caymmi, o Trio de Ouro, Leônidas Autuori, Grande Otelo e a dupla Alvarenga e Ranchinho. Os números cômicos foram apresentados pelo comediante Badu, da Rádio Tupi de São Paulo, e os de dança ficaram a cargo da dupla Vic and Joe, além da bailarina do Teatro Municipal do Rio, Madeleine Rosay, considerada a estrela da noite (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02/07/1943, p. 5).

A segunda excursão do Show da Vitória se deu em outubro de 1943, onde uma caravana de artistas<sup>2</sup> e radialistas desembarcou na base aérea do Recife após apresentação para as tropas sediadas em Fernando de Noronha. Esses mesmos artistas se apresentariam no Teatro de Santa Isabel em 26 de outubro, também fazendo parte do grupo o ventríloquo Humberto de Simões, apresentando-se com seus dois bonecos mais conhecidos: Benedito, “o preto pimpão” e Chiquinho, “o ariano maneiroso”.

A ideia do Show da Vitória foi assimilada pelo U.S.O., passando a ser chamado de United Shows, tornando-se uma importante fonte de trabalho para os artistas brasileiros. Antes de inaugurar sua própria sede, o U.S.O. promoveu seus shows nas bases militares do Recife, como na apresentação de Al Jolson, famoso cantor de rádio e ator norte-americano que



se apresentou no Campo do Ibura em 29 de julho de 1943. Outro ator famoso de Hollywood que se apresentou no Recife foi Frederick March, que veio à capital pernambucana liderando uma caravana de artistas norte-americanos do rádio, do teatro e do cinema para uma apresentação para os militares estadunidenses em 19 de setembro de 1943 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/09/1943, p. 5). Alguns dias depois, outro grupo de artistas do teatro e cinema estadunidense chegou ao Recife, trazido num avião do Exército Americano pelo U.S.O. para duas apresentações na Base do Ibura e outras duas no Campo Ingram, entre os dias 20 e 21 de setembro. Essa caravana foi composta pelo acordeonista Frank Papile, a bailarina Judy Lane, a comediantes Edyth B. Brown, a ventríloqua Kae Carole e a cantora Rae Marsh, que veio acompanhada de um grupo de coristas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 21/09/1943). Nesse evento, também compareceu o então diretor dos U.S.O. Camp Shows de Recife, o Tenente Richard Green, empresário cinematográfico que fora convocado para trabalhar como dirigente do U.S.O. no Brasil.

O U.S.O. Club foi a organização de lazer e entretenimento que recebeu maior fluxo de militares norte-americanos na capital pernambucana durante a Segunda Guerra, atuando em dois endereços: o USO Beach Club, situado no prédio do Cassino Americano no atual Bairro do Pina (próximo a Boa Viagem) e o USO Town Club, situado na antiga Avenida 10 de novembro (atual Rua do Sol). Esse último foi inaugurado em 31 de outubro de 1943. Além do diretor de serviços da nova sede, Orton S. Clark, também compareceram autoridades como os presidentes do U.S.O. Committee of Management e do American War Emergency Committee, o Almirante Ingram e o General Walsh, além do diretor do U.S.O. Beach Club, Hal Blum. Conforme a repor-

tagem do jornal *Folha da Manhã*, o “edifício do novo cassino, de linhas sóbrias e modernas, foi construído pelo Departamento de Engenharia dos Estados Unidos, sob a direção da Agência de Segurança Federal do mesmo país” (FOLHA DA MANHÃ, 2/11/1943, p. 2).

Para conhecermos os pormenores da nova sede, podemos citar a entrevista concedida ao *Diário de Pernambuco* pelo diretor Orton S. Clark, tratando de aspectos importantes do trabalho desenvolvido pelo U.S.O. e detalhando a organização e regras de funcionamento. Nessa entrevista, Clark afirmou que as cantinas que o U.S.O. inaugurava no Brasil tinham como objetivo “prestar ao soldado, marinheiro e fuzileiro norte-americano fora do país o clima pátrio – qualquer coisa que prolongue nele a ideia do lar, da pátria e da família” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31/10/1943). Clark também ressaltou que a “organização foi criada exclusivamente para o soldado marinheiro e fuzileiro raso norte-americano. [...] Nem mesmo os oficiais norte-americanos do exército, marinha, infantaria da marinha ou da aeronáutica tem acesso ao U.S.O., em circunstância nenhuma”, ou seja, o clube era restrito a praças, sendo os oficiais proibidos de frequentá-lo. O U.S.O. também proibia a entrada de militares ingleses e de outras nacionalidades. Inicialmente, os militares brasileiros também não tinham acesso, uma vez que dispunham da Cantina do Combatente como um espaço de lazer e recreação semelhante ao U.S.O.

Ainda com relação às proibições, vale ressaltar dois aspectos interessantes com relação às mulheres e bebidas alcoólicas: as restrições acima expostas não atingiam as mulheres brasileiras, pois estas tinham entrada franca no U.S.O., sendo obrigadas a preencherem um fichário com dados como nome, filiação, etc. Esta ficha era entregue “a uma co-

missão de senhoras que opinarão sobre sua idoneidade. Nas nossas festas como nos dias comuns manteremos uma ordem absoluta. Nenhuma gota de álcool entra no U.S.O.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31/10/1943). Para justificar as restrições, Orton S. Clark ressaltou que agia de acordo com estritos regulamentos, esperando que houvesse compreensão, simpatia e a boa vontade dos recifenses.

Contudo, apesar da integração e convivência pacífica entre brasileiros e norte-americanos dentro do espaço do U.S.O., não devemos conceber essa relação como sendo totalmente amistosa e harmoniosa, pois apesar da boa aceitação das mulheres brasileiras no U.S.O., houve vários episódios de abuso e desrespeito por parte de militares estadunidenses para com as mulheres recifenses. Conforme Peixoto, quando do início da chegada das tropas, houve relatos de marinheiros norte-americanos que cometeram excessos, entregando-se às orgias, alcoolismo e prostituição, confrontando-se com os recifenses pelas ruas. Com o tempo, “passaram à prática do desrespeito às moças. Tentavam beijá-las em via pública; agarravam de surpresa as menos espertas e interpretavam maliciosamente qualquer olhar agradável ou um riso gentil. A horda crescera no desrespeito”, pois “a polícia comum fora frágil para impedir a repetição das cenas” (PEIXOTO, 1951, p. 26).

A entrevista com o diretor do U.S.O. Town Club de Recife também nos permite conhecer mais acerca do perfil do pessoal que compunha a instituição. Conforme o diretor do clube, quando os Estados Unidos planejaram a criação das unidades brasileiras do U.S.O., os dirigentes escolhidos foram os que mais se familiarizavam com a língua portuguesa e os costumes locais. A escolha de Orton S. Clark se deu devido ao fato de ter nascido no Brasil, sendo filho de pai norte-americano

e mãe brasileira<sup>3</sup>. Clark considerava-se “muito brasileiro”, tendo orgulho do “sangue mineiro” de sua mãe, afirmando que “metade do meu sangue é da América do Sul e a outra da América do Norte. Há 30 anos que estou fora do Brasil e o meu português eu o aprendi em escolas e no convívio caseiro” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31/10/1943).

Nesta mesma reportagem, podemos ainda encontrar informações acerca do funcionamento do U.S.O. Beach Club, situado na praia de Boa Viagem. Antes da inauguração do U.S.O. Town Club, esta unidade já funcionava desde 22 de abril de 1943 (BARROS, 2010, p. 102), oferecendo apresentações musicais, jogos de salão, biblioteca e *snack bar*. Além disso, o U.S.O. Beach Club organizava passeios a cavalo, excursões semanais de carro para a Ilha de Itamaracá – litoral norte – e ao Cabo de Santo Agostinho – litoral sul – e ao Bairro de Dois Irmãos no Recife, além de churrascos ao ar livre e pescaria em jangadas. Também oferecia aos soldados e marinheiros norte-americanos bailes dançantes todas as quartas-feiras, ao som da Banda da Marinha. De acordo com Hal Blum, diretor do clube, a frequência média desses bailes era de 50 pessoas, onde a maioria das mulheres era brasileira.

Além do U.S.O. Beach Club, Hal Blum também foi diretor do Mobile Service do Recife, unidade responsável pela locomoção de artistas e pessoal para a realização de shows para “os diferentes pontos do território em que se encontrem norte-americanos em serviço” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/08/1944, p. 5). Blum também foi encarregado de organizar a produção e a infraestrutura material dos serviços oferecidos nos shows promovidos nos clubes U.S.O. da região. Devido à sua boa fluência em português, atuou também como mestre de cerimônias em espetáculos oferecidos no Recife, como no show dos artistas

do Cassino da Urca, no Teatro Santa Izabel, realizado em 19 de agosto de 1944 para militares brasileiros (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/8/1944, p. 5).

Apesar de a maioria dos cargos de direção ser ocupado por homens, também havia mulheres na direção dos U.S.O. Em reportagem de 5 de novembro de 1944 sobre a Reunião dos U.S.O. Clubs do Brasil, o *Diário de Pernambuco* relatou o encontro de todos os diretores das unidades do U.S.O. no Brasil, citando o nome de várias damas na direção desses clubes. O comitê regional do U.S.O. em Recife era dirigido por Virginia Heim; Dorothy Stefan dirigia o U.S.O. de Maceió; Catherine de Voy era diretora do U.S.O. de São Luís; Margarida Bluett atuava como diretora-adjunta do Mobile Service do Rio de Janeiro (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 5/11/1944, p. 7).

A responsabilidade, competência e eficiência administrativa dessas funcionárias evidenciaram a importância do trabalho feminino para o U.S.O., pois numa época em que o trabalho da mulher no Brasil era predominantemente o do lar, a quantidade significativa de mulheres nas organizações norte-americanas no Brasil – com um bom número em cargos de direção – representou um contraste com a cultura de patriarcalismo predominante no Nordeste, que relegava o papel da mulher a posições inferiores.

De maneira dramática, a guerra também mostrava como o trabalho feminino substituía eficientemente o masculino no esforço bélico mundo afora, ora no voluntariado em geral, ora nos corpos de saúde militar. Além das mulheres envolvidas na direção dos U.S.O. Clubs, podemos destacar: Paula Hoover, Aimée Louise Heptime, Virginia Neel, Polly Babcock, Ruth Drayer e Peggy McIntire, que eram técnicas em matérias diversas (datilógrafas, telefonistas, auxiliares de toda espécie). Conforme Barros, estas mulheres chamavam aten-

ção por seu “comportamento moderno, no relacionamento com os colegas homens, viajando desacompanhadas para o estrangeiro, resolvendo de maneira eficiente e desembaraçada os problemas mais complexos”, sendo também “invejadas pela maneira mais livre de se vestir, com as suas bermudas tão adequadas aos trópicos, mas que, no começo, escandalizaram as famílias mais conservadoras do Nordeste” (BARROS, 2010, pp. 107-108).

Com a inauguração do U.S.O. Club, a maioria dos espetáculos foi produzida em sua própria sede, reduzindo-se os *Camp Shows* nas bases militares do Recife. Além das caravanas de artistas trazidas pelos produtores, houve apresentações de bandas militares, como a Southern Cruzaers, Banda da Marinha norte-americana que tocou sob a direção de Jimmy Faust no dia 4 de julho de 1944 – data nacional norte-americana – num show que celebra a libertação de Paris e da França após vitória dos Aliados. Na presença do cônsul francês do Recife e da presidente do Comitê da França Combatente no Recife, “o diretor do Beach Club cantou ‘La Marseillaise’, debaixo de ruidosos aplausos”. Outra banda militar de destaque que se apresentou no Recife foi a Fleet Air Wing, Banda da Aeronáutica estadunidense que se apresentou no Campo Ingram em agosto de 1944 junto com o acordeonista Seymour Bazzel, o mágico hindu Rama Yogi, o atleta Fernando Simões Barbosa, o mágico brasileiro Valdomiro Lobo, as Três Marias e Paula Hoover, bailarina do Teatro Municipal de São Paulo.

Através da análise da documentação – mais especificamente dos jornais – referente ao U.S.O. e seus respectivos shows, podemos inferir que a maioria dos artistas era estrangeira – norte-americanos em sua maioria – havendo menor número de artistas brasileiros nas apresentações. Havia algumas dificuldades para se pro-

mover a apresentação dos artistas nacionais, como a falta de fluência na língua inglesa, necessitando-se de intérpretes e apresentadores com fluência em português para apresentação dos shows.

Para abrir mais espaço e criar mais oportunidade para os artistas nacionais, o diretor regional do U.S.O., Henry Sims, junto com William Crossman, diretor artístico do U.S.O. Town Club, organizaram shows para os U.S.O. Clubs e bases militares do Nordeste, com caravanas formadas por artistas nacionais, com o objetivo de levar a música brasileira aos militares que se encontravam mais distantes do Rio de Janeiro. Em entrevista ao *Diário de Pernambuco*, Crossman afirmou que iria “divulgar a música brasileira com mais amplitude do que tem sido feito até agora” tornando “mais efetivas possíveis as relações artísticas entre brasileiros e americanos”; também ressaltou que “os brasileiros têm muito que ensinar aos americanos no campo da diversão” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18/5/1944, p. 5). Crossman também entendia que os shows deveriam ser exibidos para os militares brasileiros, colaborando para manter vivo o ideário de cooperação e parceria proposto pela Política de Boa Vizinhança. Seu pensamento esteve em consonância com o de Assis Chateaubriand, que considerava o Show da Vitória um “serviço de guerra” onde seria possível “oferecer aos soldados americanos e brasileiros algumas horas de poesia, restituindo-lhes em minutos de boa música o muito que eles têm feito pelo Brasil e pela América” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 25/6/1943, p. 5).

Assim, a primeira excursão dos artistas do Cassino da Urca do Rio de Janeiro chegou a Recife em 21 de agosto de 1944, composta pela cantora e “embaixatriz do Swing” Miss Baby, pelos dançarinos acrobáticos “Solita and Al Delamotte”, os Irmãos Turand, que eram acrobatas cômicos

e parodistas; a bailarina La Fornarina e o acordeonista Ralph Stauber (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/8/1944, p. 5). Organizada pelo Mobile Service do U.S.O., esta excursão apresentou-se em diversas instalações militares do Recife, como o Campo Ingram, o Hospital Knox, o Campo do Ibura e no U.S.O. Town Club.

Dois dias antes da chegada dos artistas do Cassino da Urca, Hal Blum anunciou que haveria outro espetáculo do U.S.O. para soldados e marinheiros brasileiros no Recife, que ocorreria em 25 de agosto no Teatro de Santa Isabel. Nesse período, estes shows passaram a ser chamados de U.S.O. Brasil Shows, nome dado pelo superintendente das agências do U.S.O. no Brasil, Henry Sims (BARROS, 2010, p. 143).

O segundo U.S.O. Brazil Show aconteceu em setembro de 1944, sob a organização do ator Patrick Fahey, encarregado da direção artística em cada apresentação nas bases militares do Recife. Além dos artistas do Cassino da Urca, vieram os cantores da Rádio Tupi e do Cassino do Icarai, dentre os quais: Grande Otelo, os bailarinos Quinto e Amaral, a dupla Jacy e Lacy, a cantora Dale Saint Clair, o acordeonista E. Carlito e os trigêmeos vocalistas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 23/09/1944, p. 5).

O U.S.O. também promoveu espetáculos em benefício de instituições beneficentes, como o que ocorreu em 28 de setembro no Teatro Santa Isabel, na despedida da caravana de artistas que participaram do segundo U.S.O. Show. Dentre os momentos mais marcantes deste show, podemos destacar a apresentação de Dale Saint Clair, cantando a canção “Star Dust”, os trigêmeos vocalistas”, cantando a música “Barril de Chopp”, e a apresentação de Grande Otelo, que imitou Carmem Miranda. A atração internacional foi a Banda da Marinha estadunidense, Tropical Knight, que se apresentou sob a

regência de Paul McConnel, onde o ápice de sua apresentação foi a música “I’ll be seeing you”. Este espetáculo se deu em benefício da filial da Cruz Vermelha de Pernambuco (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 27/9/1944, p. 7).

A terceira excursão do U.S.O. Brazil Show ocorreu em 25 de outubro de 1944, coincidindo com a comemoração de um ano de atividades do U.S.O. Town Club de Recife. O show foi apresentado pelo Sargento Bob Warehan, jornalista e locutor da “Radio Station”, emissora de rádio sediada no Campo do Ibura e operada pela Força Aérea norte americana (USAFSA) que transmitia seu sinal para as tropas estadunidenses no Recife<sup>4</sup>. Após a apresentação da Banda da Quarta Esquadra, o espetáculo deu prosseguimento com a apresentação dos artistas: a cantora Ivette Ribeiro, os dançarinos Jaime Ferreira e Dely Charly, o cantor mexicano Alberto Ramirez, o acordeonista George Brass, e o atleta William Francis (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 25/10/1944, p. 5).

Em entrevista ao *Diário de Pernambuco*, o então diretor do U.S.O. Town, Nick Young, afirmou ter recebido verba de 15.000 dólares para despesa mensal, que seria aplicada nas reformas feitas na sede do clube e em novos serviços oferecidos aos frequentadores, como o alargamento do salão de danças e a ampliação do palco de apresentações. Também foi criado um novo serviço de cafeteria, mecanizando e acelerando a rotina da cozinha. Além da Coca-Cola, os frequentadores tinham à sua disposição sorvetes, sanduíches e sucos de fruta para fazer lanche. Aulas de português também eram oferecidas semanalmente para os militares norte-americanos – *service men* – que estavam no Recife. Ademais, foram realizadas mudanças no pessoal da administração do clube, com Tom Rae na organização dos shows, Polly Babcock na “Coffe Hour” e

Virginia Neel com as relações brasileiro-americanas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 25/10/1944, p. 5).

A quarta excursão do U.S.O. United Show teve início em 15 de novembro em Recife – data da Proclamação da República no Brasil – iniciando suas apresentações no Campo Ingram e encerrando-se no Teatro de Santa Isabel. A partir desta excursão, o evento passou a ser chamado de U.S.O. United Show, pois os espetáculos já eram realizados tanto para militares norte-americanos quanto para brasileiros. O evento foi dirigido por Margarida Bluett e Bill Crossman, diretor do Mobile Service do Rio de Janeiro. Além dos artistas do Cassino da Urca e do Hotel Quitandinha, o espetáculo teve a participação de Jimmy Faust, cantando a música “Beijame muito” e “Aquarela do Brasil”. Outra atração foi Henri Salvador, cômico da orquestra de Ray Ventura. Geraldine Pike fez números de contorcionismo e danças acrobáticas. Bob Bromley apresentou-se com suas marionetes Miss Cuba e George Washington Lincoln. A sambista Carmem Costa e os artistas locais Carlito e Pipinela foram as atrações brasileiras. Como de costume, os espetáculos eram encerrados com a canção “God Bless América”, cantada por todos os artistas presentes. Em algumas ocasiões, havia também a execução dos hinos brasileiro e estadunidense no encerramento dos shows. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 22/11/1944, p. 5).

O quinto U.S.O. United Show chegou ao Recife em 23 de dezembro de 1944. Estreando na véspera de Natal no Town Club, o evento teve duração de uma semana na capital pernambucana com apresentações no Teatro de Santa Isabel, tendo mais atrações nacionais na programação. Dessa vez, as apresentações ficaram por conta da dançarina Licia Lemos, do baterista Plínio Coelho, da sambista Carmen Costa, do cantor Paulo Sobral, dos baila-

rios acrobatas Les Erc e do acordeonista Mano Mascarenhas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31/8/1944, p. 7).

Apesar da grande presença de artistas populares nos shows promovidos pelo U.S.O., houve também espetáculos de música clássica no qual participaram artistas de renome nacional e internacional. Em novembro de 1944, houve um concerto promovido pelo U.S.O. com a participação da Orquestra Sinfônica de Pernambuco, sob a regência do maestro Vicente Fiti-paldi, que também contou com a pianista brasileira Ofélia do Nascimento, que também apresentou-se no U.S.O. Town Club em 3 de setembro de 1944. Nessa ocasião, inaugurou-se uma série de concertos musicais aos domingos, onde “os rapazes da Marinha e do Exército Americano” puderam “entrar em contato com uma das mais finas pianistas brasileiras” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31/8/1944, p. 7). No dia anterior, houve uma apresentação do “Quarteto de Cordas” do Campo Ingram na sede do U.S.O. Town. Dentre os músicos estrangeiros de formação clássica, apresentou-se no Teatro de Santa Isabel o violinista polonês Henryk Szeryng, trazido pelo U.S.O. e pela Marinha estadunidense para uma apresentação em dezembro de 1944, tocando músicas dos compositores Kreisler, Rimisky-Korsakoff, Dvorak, Paderewsky, Sarazate e a música “Capricho Brasileiro”, de Edgar Guerra (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28/12/1944, p. 5). Em janeiro de 1945, a pianista pernambucana Nair Roitman deu um concerto no USO Town Club, interpretando vários compositores (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 20/1/1945, p. 5).

Para valorizar as tradições locais, o U.S.O. Beach Club também promoveu um rodeio e um churrasco no Jockey Club do Recife, onde foram realizadas “montarias de cavalos bravos, páreos cômicos com jumentos” e corridas de cavalo com a pre-

sença de vaqueiros vindos da cidade de Timbaúba (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28/5/1945, p. 5.). No churrasco, foram abatidos três bois e três carneiros, distribuindo-se duas mil garrafas de Coca-Cola.

O ano de 1945 marcou a despedida do U.S.O. Club do Brasil. Com o término da Segunda Guerra Mundial, as tropas norte-americanas despedem-se das bases e instalações militares do Recife. Um dos últimos espetáculos que repercutiu na imprensa foi o de 14 de janeiro de 1945, onde foi feita uma transmissão radiofônica diretamente do palco do U.S.O. Town Club para os Estados Unidos. Neste show, deu-se início a uma série mensal chamada *Good Neighbor*, onde “talentos brasileiros e norte-americanos ocuparão o microfone no palco, num programa musical para os Estados Unidos” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 14/1/1945, p. 5). A irradiação foi dedicada ao Comitê de Emergência de Guerra Americano de São Paulo, em agradecimento pela colaboração ativa em favor do esforço de guerra da nação estadunidense. O show teve a abertura da Sophisticated Swingsters, a Banda da Quarta Esquadra da Marinha norte-americana. Em seguida, apresentaram-se os artistas brasileiros Ernani Dantas, as Três Marias, Maria Paristo e o cantor Orlando Silva, que estava em turnê em Recife e foi cedido ao U.S.O. pelos Irmãos Moreira, empresários do cantor. As atrações internacionais foram Miles Grina, Sam Pearlman e Cappy Lehrfeld.

O último grande espetáculo do U.S.O. no Recife foi o sexto USO Mobile Show, ocorrido em fevereiro de 1945 no Teatro de Santa Isabel sob a direção de Bill Crossman, diretor do Mobile Service do Rio de Janeiro (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 22/2/1945, p. 7). Antes desse evento, o U.S.O. Beach ainda promoveu um “baile à fantasia”, festa carnavalesca que antecipou as festividades de Momo nos clubes

recifenses, tendo como atração a Banda da Quarta Esquadra tocando frevos e sambas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 08/2/1945, p. 5). No último ano do conflito mundial, já não havia nos jornais muitas notícias de shows com artistas consagrados. O baile em homenagem ao aniversário do Presidente Roosevelt contou somente com a Banda do Exército norte-americano – Army Band – num espetáculo dirigido por Jimmy Fox (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28/1/1945, p. 5).

Em 3 de junho do mesmo ano, o U.S.O. Beach Club de Boa Viagem encerrou suas atividades, permanecendo aberto apenas durante o dia para os militares que desejassem se banhar na praia de Boa Viagem. Ao invés de notícias de grandes shows com artistas de renome nacional e internacional, os últimos eventos do U.S.O. Town trouxeram artistas locais, como a apresentação da pianista Martha Cavalcanti, estudante de medicina que se apresentou no Town Club a convite do Mobile Service de Recife em junho de 1945 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 7/6/1945, p. 5). O último show dado para as tropas ocorreu em 7 de julho de 1945, data em que o restante do contingente de marinheiros norte-americanos deixou a capital pernambucana. Ao contrário do que se pensava na época, o U.S.O. Town Club não fechou suas portas com a partida das tropas norte-americanas que estavam em serviço no Recife. Em entrevista ao *Diário de Pernambuco*, o supervisor geral dos U.S.O. Clubs do Brasil, Henry Sims, afirmou que alguns clubes – inclusive o da capital pernambucana – permaneceriam abertos durante mais alguns meses, ressaltando que enquanto durasse o repatriamento das tropas militares, os clubes estariam abertos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O USO Club constitui-se como o principal espaço de lazer e entretenimento dos militares norte-americanos e brasileiros no Recife durante a Segunda Guerra. Nesses clubes, havia vários tipos de diversão e entretenimento, como torneios de bilhar, concursos de dança e passeios. Houve também vários eventos artísticos, com apresentações de artistas nacionais e internacionais, que estavam no auge de suas carreiras quando passaram pelo Recife. Os U.S.O. shows foram importantes para a diversão e vida noturna do Recife na medida em que abriu as portas para vários artistas renomados. Apesar do acesso limitado aos militares na época da guerra, posteriormente, os recifenses tiveram um leque de opções de entretenimento e atrações culturais que enriqueceram a vida noturna da cidade. A tradição de bailes nos principais clubes da cidade continuou, principalmente nos carnavais.

A repercussão das turnês de estrelas da música e do cinema norte-americanos foi formidável. Os efeitos da presença dessas grandes estrelas iam além do mero entretenimento dos militares em tempos de guerra, pois traziam um clima de superioridade cultural que fazia o brasileiro comum curvar-se e aceitar de bom grado a aliança política e militar entre Brasil e Estados Unidos, uma vez que os U.S.O. Clubs também se tornaram espaços de interações entre militares brasileiros e estadunidenses ao longo do conflito mundial. Já para os norte-americanos, apesar do clima de cooperação e relações culturais proporcionado pela Política de Boa Vizinhança, a música – e a cultura – brasileira ainda era vista como algo exótico, tropical e sensual.

Ainda que o número de artistas estrangeiros fosse superior ao de artistas brasileiros nos eventos do U.S.O., não podemos afirmar que houve predominância e assimilação absoluta do *American Way of Life* no Recife durante o período em questão. Mesmo com

as palavras do idioma inglês incorporadas ao cotidiano dos recifenses, os filmes de Hollywood e o consumo da Coca-Cola, o processo de americanização não foi absoluto, haja vista a presença de artistas brasileiros nos shows, os bailes carnavalescos e a promoção de eventos com expressões da cultura nordestina, como a vaquejada.

Assim, a guerra também foi uma oportunidade de socialização, onde os artistas mostravam-se úteis ao país e às Forças Armadas, atuando como cidadãos participativos e contribuindo para o esforço de guerra. Para Orlando de Barros, houve uma “guerra dos artistas” (BARROS, 2010, p. 10), quando estes entenderam que podiam tomar parte no conflito de modo positivo, divertindo, consolando e animando a população.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BARROS, Orlando de. *A guerra dos artistas: dois episódios da história brasileira durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

CONN, Stetson, FAIRCHILD, Byron. *A Estrutura de Defesa do Hemisfério Ocidental*. Tradução: Luis César de Oliveira Fonseca. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

DUMAZEDIER, Jofre. *Lazer e cultura popular - Debates*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FONSECA, Manoel Felipe Batista da. *Base Fox: aspectos do estabelecimento e do desenvolvimento da base naval da U.S. Navy no Recife durante a Campanha do Atlântico Sul (1941-1943)*. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

GAMBINI, Roberto. *O Duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

LOCHERY, Neill. *Brasil: os frutos da guerra*. Tradução: Lourdes Sette. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

McCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos*. Tradução: Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1995.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

OLIVEIRA, Dennison de. *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Editora Juruá, 2015.

PEIXOTO, Demerval. *Guerrilheiros do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa popular, 1951.

## FONTES

FUNDAJ, Diário de Pernambuco (1940-1945)

APEJE, Folha da Manhã (1940-1945)



## **NOTAS**

<sup>1</sup> A Doutrina Monroe (1823) conferia aos Estados Unidos a proteção do Hemisfério Ocidental contra a expansão dos impérios europeus, tendo por base material o apoio naval britânico (GAMBINI, 1977, p. 29).

<sup>2</sup> Dentre os artistas estavam: Badu, comediante e ex-jogador de futebol; Túlio de Lemos, Bob Nelson e João Petra de Barros foram os cantores da Rádio Tupi de São Paulo; Moraes Neto, Dorival Caymmi e a cantora Zilá Fonseca representavam a Rádio Tupi do Rio de Janeiro. (BARROS, 2010, p. 131).

<sup>3</sup> Orton S. Clark considerava que seu pai fora um dos primeiros “bons vizinhos” do Brasil, falando fluentemente o português sem sotaque e trabalhando como intérprete do ex-Presidente Theodore Roosevelt e de William Jennings Bryan, Secretário de Estado do Presidente Woodrow Wilson (BARROS, 2010, p. 105).

<sup>4</sup> A emissora Radio Station foi criada por autorização do governo brasileiro, já que as leis do Estado Novo proibiam emissoras estrangeiras no Brasil (BARROS, 2010, p. 143).